



ORIENTE MÉDIO

Houthis, os atores da nova frente do conflito

Aliados do Irã, os rebeldes separatistas do Iêmen ampliam ofensiva para o Mar Vermelho e o Estreito de Bab Al-Mandab, enquanto ameaçam interesses marítimos internacionais. Especialistas avaliam impacto do grupo armado na região

» RODRIGO CRAVEIRO

Os rebeldes **houthis** abriram uma nova frente no conflito entre Estados Unidos, Israel e Irã. O movimento político e religioso armado do Iêmen, fundamentado em uma interpretação revivalista e de linha-dura do islã zaidita — ramo do xiismo — mantém um projeto político calcado em uma tradição que associa a liderança legítima à descendência do Profeta Maomé. Diretor e cofundador do Centro para Estudos Estratégicos de Sanaa, o iemenita Maged Al-Madhaji explicou ao **Correio** que os objetivos dos houthis são dominar o Iêmen e desempenhar um papel regional mais amplo, em coordenação com o Irã e aliados. “A ideologia é central para sua identidade, incluindo a hostilidade em relação à influência ocidental. Seu líder, Abdulmalik Al-Houthi, deveria ser entendido como alguém profundamente comprometido com essa visão de mundo, e não como alguém que usa a retórica religiosa como um instrumento político”, disse.

Os houthis ajudaram a redefinir o conflito no Oriente Médio. “Eles deslocaram parte de seu peso estratégico do Golfo Pérsico e do Estreito de Ormuz para o Mar Vermelho e o Estreito de Bab Al-Mandab. Eles atraíram a atenção regional e internacional porque o confronto no Iêmen é, cada vez mais, uma extensão da disputa mais ampla que envolve o Irã, os Estados Unidos e seus respectivos parceiros regionais”, afirmou Madhaji.

De acordo com o estudioso iemenita, os avanços recentes dos houthis representam um ganho significativo para o eixo alinhado a Teerã, depois de reveses sofridos no Líbano, na Síria, no Iraque e no próprio Irã. Ele crê que os desdobramentos no Iêmen estão alterando o peso relativo dos atores dentro desse eixo, conferindo maior importância aos houthis. O arsenal dos houthis combina armas apreendidas do Exército iemenita e capacidades desenvolvidas ao longo de anos, por meio da ajuda do Irã, com o contrabando por meio de túneis e a produção local de armas.

Do ponto de vista financeiro, os houthis construíram um vasto sistema de tributação e de cobranças compulsórias, ao mesmo tempo que assumiu responsabilidade limitada pelos serviços públicos e pelo pagamento de salários. A assistência humanitária internacional tem auxiliado a manter serviços essenciais, permitindo que as autoridades destinem uma parcela maior dos recursos arrecadados ao seu aparato

Religião e armas

“Os houthis surgiram nas terras altas do noroeste do Iêmen, no fim da década de 1980, e se inspiraram em seu ex-líder Husayn Al-Houthi. Morto em 2004, ele foi sucedido pelo meio-irmão mais novo Abd Al-Malik Al-Houthi. Motivados pela religião e de ambições políticas, os houthis também são movidos pelo expansionismo militar. Eles evoluíram drasticamente desde os seus primeiros conflitos, há mais de duas décadas. Atualmente, controlam um território onde vivem entre 28 e 30 milhões de iemenitas (mais de dois terços da população do Iêmen). Possuem estoques de mísseis, drones, mísseis antinavio e embarcações não tripuladas, tendo se tornado cada vez mais sofisticados em termos de seleção de alvos e precisão.”

militar e de segurança. Segundo Madhaji, o fornecimento de armas e de petróleo pelo Irã também tem sustentado a economia de guerra do Iêmen.

Madhaji também ponderou que a suspensão dos ataques dos EUA ao Irã não se traduz, automaticamente, em desescalada no Iêmen. “O conflito possui dinâmicas locais próprias, além de suas conexões regionais. Uma maior escalada dependerá da evolução da situação no terreno, da dimensão da ameaça à Arábia Saudita e das perturbações aos interesses marítimos internacionais. Quanto mais esses interesses forem afetados, maior será a probabilidade de uma resposta militar mais ampla.” Na sexta-feira passada, o Paquistão anunciou ter enviado um número “importante” de soldados na Arábia Saudita, em meio à escalada entre a monarquia petrolífera e os houthis.

Colega de Madhaji no Centro para Estudos Estratégicos de Sanaa, Maysaa Shujaa al Deen disse que os houthis sentem não terem se beneficiado da trégua no Iêmen. “As autoridades iranianas e os houthis associam a questão do Estreito de Ormuz à de Bab Al-Mandab, vendo-a como uma alavanca adicional que possam utilizar. A guerra no Iêmen está entrelaçada com o conflito mais amplo na região, mas isso não significa que os EUA ou o Irã venham a intervir

Mohammed Huwais/AFP



Combatentes leais às autoridades houthis participam de mobilização para o recrutamento de mais guerrilheiros, em Sanaa, capital do Iêmen

diretamente no Iêmen. O Irã atua por meio dos houthis, enquanto os americanos apoiam os sauditas fornecendo informações de inteligência, logística e outros recursos”, observou.

Maysaa lembrou que os houthis estão envolvidos no conflito do Oriente Médio desde 2023. “A questão gira em torno de suas ambições regionais — a aspiração de exercer um papel de liderança na região —, além de sua conexão com a rede iraniana na área. Eles se definem como um grupo revolucionário e transnacional, e não nacional; portanto, suas ambições sempre transcendem o Iêmen por razões ideológicas.”

Organização

A especialista do Centro para Estudos Estratégicos de Sanaa afirmou que os houthis controlam cerca de 20 milhões de pessoas. “Apesar de não serem um grande grupo, estão muito armados e organizados, enquanto seus inimigos, apesar de em maior número, estão divididos. Os houthis também têm uma boa experiência militar, adquirida das

» Ataque a aeroporto

Um novo ataque ao Aeroporto Internacional de Riade, capital da Arábia Saudita, deixou ao menos 12 mortos e mais de 300 feridos no meio da tarde de ontem, segundo fontes ouvidas pela agência de notícias *Reuters*. Não houve reivindicação imediata de responsabilidade pelo ataque, mas os houthis do Iêmen, grupo alinhado ao Irã, têm intensificado seus ataques com mísseis contra a Arábia Saudita. O número de vítimas ainda não foi confirmado oficialmente pelo governo saudita e pode aumentar. Entre as fontes consultadas pela agência estão dois funcionários ocidentais. Os feridos foram levados a hospitais em ambulâncias e helicópteros. Uma fonte de um hospital local identificou uma das vítimas como um comissário de bordo egípcio que trabalhava para uma companhia aérea saudita. A segunda vítima era um palestino com documentos de viagem egípcios. Outra fonte com conhecimento do caso confirmou as mortes e as nacionalidades das vítimas. Uma testemunha afirmou ter ouvido uma explosão enquanto aguardava o embarque em um voo. Outra disse ter presenciado um impacto que deixou feridos e provocou cenas de pânico entre os passageiros. “Eu estava no portão 403. Vi como atingiram o 401, vi feridos. Todo mundo corria”, relatou à AFP. As autoridades de saúde haviam ordenado mais cedo uma incomum mobilização em massa de médicos para responder a uma “emergência grave”, enquanto diversas embaixadas estrangeiras recomendaram a seus cidadãos que evitassem o aeroporto.

práticas de milícia no Iêmen, e jamais pararam de fazer a guerra. O Irã sempre os apoia com armamentos, muitos dos quais obtidos

por meio de rotas de contrabando. Mas os houthis também conseguem armas da Rússia e da China”, disse Maysaa.

Por sua vez, Elisabeth Kendall — diretora do Girton College, da Universidade de Oxford, e ex-conselheira do enviado especial da ONU ao Iêmen — comentou ao **Correio** que os houthis são motivados pelo poder e pelo dinheiro. “Eles buscam reconhecimento político como líderes legítimos no Iêmen e, possivelmente, até mesmo além de suas fronteiras. Também querem garantir sua participação em qualquer acordo regional”, disse.

Segundo ela, intensificar a guerra no Iêmen e, simultaneamente, levar o conflito para o território da Arábia Saudita conferem-lhes um poder de barganha significativo. “Eles ameaçam a segurança, a estabilidade e as fontes de receita sauditas.”

Kendall admitiu que, até o momento, a Turquia e o Paquistão tinham evitado envolverem-se diretamente no combate aos houthis. “Embora ambos afirmem que honrarão o Pacto de Meca, não está claro se participarão de operações dentro do Iêmen ou se limitarão seu envolvimento à assistência militar defensiva.”

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Bombas atingem áreas residenciais e deixam mortos na Ucrânia

Pelo menos 15 pessoas, incluindo três crianças, morreram nas primeiras horas da madrugada de ontem em ataques russos contra a cidade de Zaporizhzhia, no sul da Ucrânia. A polícia informou que a Rússia apontou contra os bairros residenciais da cidade, que fica a dezenas de quilômetros da linha de frente, com cinco bombas. Duas delas atingiram edifícios residenciais. Equipes de resgate foram mobilizadas para os prédios residenciais atingidos e realizam trabalhos de busca por desaparecidos. Havia ao menos 11 desaparecidos na cidade até a última atualização desta reportagem, segundo autoridades locais.

Daniil Pishkin, um voluntário, chegou rapidamente com sua equipe de resgate a um dos locais atingidos. “Vimos pessoas sob os escombros, uma mulher, o marido

e uma criança”, disse à AFP. Duas pessoas foram resgatadas dos destroços, mas “infelizmente uma menina pequena morreu”. Irina, de 69 anos, moradora de um dos prédios atingidos, mal teve tempo de buscar refúgio no banheiro após os avisos de bombardeio iminente. Os vizinhos, um casal de amigos, morreram. “Tinham 75 anos. Foram projetados para a rua. Não sobreviveram no caminho até o hospital”.

A capital Kiev registrou neste sábado “cortes de eletricidade em larga escala” em consequência dos ataques russos, segundo a DTEK, a principal empresa privada de energia da Ucrânia. Jornalistas da AFP ouviram explosões sobre a capital ucraniana durante o dia. O prefeito da cidade, Vitali Klitschko, informou que um restaurante foi atingido por um dos ataques.

Daria Nazarova / AFP



Bombeiros resgatam uma mulher ferida dos escombros

Nos últimos meses, a Rússia intensificou os ataques contra o território ucraniano, com um número crescente de vítimas civis. Kiev também reforçou as ações de represália contra alvos em território russo.

Na sexta-feira, o presidente americano Donald Trump e o mandatário russo Vladimir Putin conversaram por telefone.

Após o diálogo, o republicano anunciou um acordo para que Moscou forneça diesel aos mercados americano e mundial. “A Rússia fornecerá imediatamente mais de 300.000 toneladas de diesel aos mercados americano e global, e outras 500.000 toneladas em novembro”, publicou Trump em suas redes sociais, após conversar com Putin.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, chamou o acordo de “indigno”. “A Rússia expressou

agradecimento pela suspensão das sanções às exportações de diesel lançando cinco bombas contra prédios residenciais em Zaporizhzhia”, denunciou o ucraniano. Em uma mensagem publicada no Facebook, Zelensky afirmou que o acordo precisa ser revertido. “A Rússia escolheu a guerra” e ontem “recebeu a mensagem de que poderia seguir atacando”, escreveu.

O líder ucraniano disse ainda que 13 estados ucranianos foram alvo de projéteis russos durante o ataque noturno, incluindo Kiev. Zelensky prometeu retaliar o ataque russo. Segundo a ONU, o número de vítimas civis na Ucrânia aumentou 55% nos primeiros oito meses deste ano. A estatística acompanha uma constante escalada dos ataques aéreos russos contra o território ucraniano